

Anos de alegria,
Dias felizes —
Passaram, velozes,
Como águas da Primavera!
De uma romança antiga

Passava da uma da madrugada quando voltou ao seu gabinete. Mandou embora o criado que acendera as velas e, deixando-se cair na poltrona junto à lareira, tapou a cara com as mãos. Nunca tinha sentido tanto cansaço, físico e espiritual. Passara toda a noite na companhia de senhoras amáveis e de homens cultos; algumas das senhoras eram bonitas, quase todos os homens revelavam intelecto e talentos notáveis — ele próprio estivera com verve para a conversa, quase brilhara... e, no entanto, nunca antes o tal *taedium vitae*, de que já os romanos antigos falaram, aquele «enfado pela vida», se tinha apoderado dele nem o tinha sufocado com tanta e insuperável força. Fosse ele um pouco mais jovem e seria capaz de chorar de angústia, de enfado, de irritação: uma amargura pungente e mordaz como o sabor do absinto inundava-lhe a alma. Qualquer coisa importuna e abominável, penosa e nauseabunda rodeava-o de todos os lados, qual escura noite outonal; e não sabia desfazer-se desta escuridão, desta amargura. Não contava com o esquecimento do sono: sabia que não conseguiria adormecer.

Então, começou a reflectir... vagorosamente, com moleza e raiva.

Reflectia sobre a vaidade, sobre o inútil e vulgarmente falso de tudo o que era humano. Todas as idades desfilavam paulati-

namente no seu pensamento (ele próprio acabara de fazer 51 anos) e não encontrava justificação para nenhuma das épocas da sua vida. Tudo se resumia à eterna conversa fútil, ao malhar em ferro frio, às mesmas ilusões meio sinceras, meio intencionais — tudo para matar o tempo, não importava com quê; e eis que, de súbito, como um raio no céu limpo, surge a velhice e com ela esse medo da morte, cada vez mais intenso, corrosivo, que tudo consome... e a queda no abismo! E é um mal menor quando a vida assim se desenrola! Pior ainda quando, antes do final, as doenças e os sofrimentos começam a alastrar como ferrugem pelo ferro... O mar da vida não se lhe afigurava com ondas tumultuosas, como o descrevem os poetas — não, imaginava-o impassivelmente liso, imóvel e transparente até ao fundo escuro; via-se a si próprio sentado num barquinho instável. E ali, no fundo escuro e lodoso, é possível enxergar-se uma espécie de peixes enormes, os pavorosos mostrengos: todas as maleitas do quotidiano, doenças, amarguras, loucura, pobreza, cegueira... Está a olhar — e já um dos monstros se destaca do negrume, emerge cada vez mais, torna-se mais nítido, sempre mais nítido e abominável. Mais um minuto, e o barco vai ser empurrado por ele e virar-se! Não — os seus contornos voltaram a desfocar-se, o monstro arreda-se, imerge — e pousa no fundo, quieto, mal mexendo o rabo... Mas o predestinado dia não tarda — e acaba por lhe adernar o barco.

Sacudiu a cabeça, saltou da poltrona, passeou duas vezes pela sala, sentou-se à mesa de trabalho e, puxando uma gaveta após outra, pôs-se a remexer nos seus papéis, nas cartas antigas, cartas de mulheres, na sua maioria. Não sabia por que o fazia, nem procurava nada: pura e simplesmente, queria afastar com alguma ocupação os pensamentos que o atormentavam. Ao abrir à sorte algumas cartas (num dos sobrescritos encontrou uma flor seca com um lacinho desbotado), apenas encolheu os ombros, olhou para a lareira e pôs as cartas de lado, pronto a queimar todo aquele lixo inútil. Enfiando pressurosamente as mãos ora numa, ora noutra gaveta, de repente abriu muito os olhos e, tirando devagar uma pequena caixa octogonal à moda antiga, levantou a tampa,

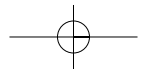
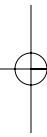
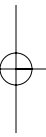
num movimento também lento. Na caixa, debaixo de dois estratos de papel amarelado, estava uma pequena cruz de peito guardada de granadas.

Durante alguns segundos, perplexo, observou a pequena cruz — e de repente soltou um grito baixinho... No seu rosto desenhou-se uma expressão indefinida — de pena? De alegria? Era a mesma expressão que surge no rosto de quem encontra inesperadamente uma pessoa que há muito perdeu de vista, que outrora amou com ternura e que, agora, ali está de novo à sua frente, a mesma e, no entanto, outra, mudada pelos anos. Levantou-se, voltou à lareira, sentou-se outra vez na poltrona — e novamente tapou a cara com as mãos... «Porquê hoje? Precisamente hoje?» — pensava e recordava muita coisa, de um passado muito remoto...

Recordou que...

Antes, porém, tenho de o apresentar. Chamava-se Dmítri Pávlovitch Sánin.

Recordou o que vai a seguir.



1

Aconteceu no Verão de 1840. Sánin tinha 22 anos e, no caminho de regresso de Itália para a Rússia, encontrava-se de passagem em Frankfurt. Homem de fortuna modesta, era contudo independente, quase sem família. Depois da morte de um parente longínquo, ficou na posse de alguns milhares de rublos — e resolveu gastá-los no estrangeiro, antes de entrar no serviço, ou seja, antes de pôr ao pescoço a coleira de serviço público, sem a qual a existência abastada se tornava impossível. Sánin cumpriu pontualmente o seu propósito e tratou da sua vida com tanta habilidade que, no dia em que chegou a Frankfurt, tinha no bolso a importância exacta de que precisava para viajar até Petersburgo. Em 1840, havia poucos caminhos-de-ferro; os senhores turistas andavam de diligência. Sánin comprou um lugar no «Beiwagen»; a partida, no entanto, era apenas às dez e tal da noite. Ainda faltava muito. Felizmente, estava bom tempo, e Sánin, depois de almoçar no hotel Cisne Branco, famoso naquela altura, foi passear pela cidade. Viu a *Ariadne*¹ de Dannecker, não gostou muito; visitou a casa de Goethe, de quem, aliás, tinha lido apenas o *Werther* — e mesmo este numa tradução francesa; passeou pela margem do Meno, um pouco entediado, em conformidade com a sua condição de decoroso viajante; por fim, passando já das cinco, fatigado, com o calçado coberto de pó, foi parar a uma das mais insignificantes ruas de Frankfurt. Não viria depois a esquecer aquela rua durante muito tempo. Num dos seus poucos prédios, viu uma tabuleta que assim se